

CATHERINE CLÉMENT

AMEMO-NOS UNS
AOS OUTROS

Tradução de Manuela Torres

Para Safoura

Paris, 24 de maio de cada ano

Porque é que nesse dia fui tão brutalmente bombardeado? Eu estava como hoje na place de la Bastille, empoleirado na minha coluna, de pé no ar, sexo ao léu, com as minhas grandes asas abertas, a minha estrela na testa, o archote numa mão e uma cadeia quebrada na outra, e o vento a bater na minha pele dourada... Bem sei que eles não me visavam! Não esqueci as barricadas em volta, umas feitas com pedras da calçada ou com peças de artilharia, outras com barricas e fardos de papel, eles defenderam-se, não fizeram de propósito, os meus pobres partidários da Comuna, os meus potros excitados, os meus queridos corações em brasa.

Para defender a Bastilha, eles tentaram tudo. Fazer passar sob o canal uma barcaça de petróleo, cujas chamas subiram tão alto que me lamberam as pernas. Disparar tiros de canhão a partir da ponte de Austerlitz e, ao mesmo tempo, do alto de Buttes-Chaumont, trinta vezes sobre a Bastilha, contei eu, um a um, trinta obuses. E depois? Todos fuzilados.

No princípio da Comuna de Paris, um belo rapagão bem musculado içou-se até mim para escorar na minha mão direita uma bandeira vermelha, ao lado do archote, oh, que bonito! Enroscou-se, com os pés na minha coxa, o coração dele batia contra o meu ventre e os seus cabelos faziam-me cócegas no braço. Teria quê? Quinze anos? Pela primeira vez, eu não era apenas o Génio da Liberdade pousado num grande canudo, tinha a liberdade na mão, empunhava a sua bandeira, ouvia lá em baixo os aplausos, os gritos

de alegria da multidão a bater com os pés na areia, as canções, os tambores, a Comuna inteira... Nunca me tinha acontecido nada tão divertido desde o meu nascimento.

Sou o filho de um escultor e de uma revolução. 27, 28, 29 de julho de 1830, os meus Três Gloriosos Antepassados, eis a minha linhagem. Motim, insurreição, barricadas, e oitocentos mortos abatidos pelas tropas de um rei de França, um certo Carlos X. Eu ainda não tinha nascido, mas sei de onde venho. No dia em que o novo soberano, o rei dos burgueses, chamado Louis-Philippe, me inaugurou no meio da place de la Bastille, tive direito a uma sinfonia fúnebre, uma grande orquestra dirigida por um frenético que caminhava às arreas, discursos e mais discursos, e depois, periodicamente, motins, insurreições, centenas de mortos.

Quando tinha apenas dois anos, ouvi os sinos a tocar a rebate, tiros de canhão e, no meio dos gritos da multidão, o ímpeto do furacão. Foi em pleno inverno. Três dias e oitocentos mortos. O rei cedeu o lugar a uma república com um presidente, Louis-Napoléon não sei quê.

No princípio do verão, em junho desse mesmo ano, sete dias de insurreição, quatro mil mortos, entre os quais muitas mulheres e crianças. Não vi grande coisa, a não ser os últimos mortos da última barricada no *faubourg* Saint-Antoine, o bairro operário. Três anos depois, em 1851, o presidente quer tornar-se imperador e faz trezentos mortos.

Eu brandia o archote da liberdade, gritava e berrava em silêncio, mas em Paris, quando lhes dá para isso, mata-se muito.

Depois, durante vinte anos, calma absoluta, ou quase. Tanto melhor, pensava eu, eles já não se revoltam, já não precisam de mim. Pois bem, enganei-me. Tivemos os prussianos a desfilar em Paris, num inverno tão frio que me surgiram pingentes de gelo na ponta dos dedos, e logo em março, na primavera de 1871, Paris sublevou-se.

Finalmente, ação! Não me decepcionaram. Durante toda a primavera, empunhando a minha bandeira vermelha, servi de vigia à Paris insurreta. Tinha-me interrogado para onde teria ido essa gente pobre, essas mulheres do povo a quem devo a minha vinda ao mundo. Tinham-me feito esperar, mas valia a pena. Tantos motins, tantos mortos até a bandeira vermelha flutuar na minha mão!

Mas, pouco a pouco, as coisas começaram a correr mal. Vieram os canhões, a metralha. O inimigo já não era o exército do rei ou as tropas do imperador, mas o exército dos ricos. Os poderosos de França têm uma necessidade imperiosa de uma carnificina dos pobres, para que eles aprendam. Depois da Comuna, os ricos mataram como nunca antes o haviam feito, ouço isso ao longe, sete latidos muito breves, um silêncio, e mais outros sete, rápidos, chama-se a isso *metralhadora*, segundo dizem.

Na penúltima noite da semana terrível, o canhão calara-se. Paris estava em chamas, eu ouvia os sons abafados das vigas desabadas, o céu estava violeta quando o tempo parou. Aproximou-se um cortejo com um rufar de tambores que eu reconhecia, o rufar do luto. Então, de archotes em punho, os meus revolucionários saíram um a um das suas barricadas para virem cercar o caixão e beijar a testa do jovem morto. Não se falava muito alto, Paris estava em guerra, o exército dos ricos cercava já o bairro, mas não esqueci o nome do combatente que repousava a meus pés. Jaroslaw Dombrowski. O general Dombrowski, a caminho do cemitério.

De madrugada, o canhoneio recomeçou. Nem sei como escapei ao último desespero da Comuna de Paris. Fiquei de pé, com a minha pele dourada, leve, com o sexo ao léu e a bandeira na mão, esse pedaço de tecido da revolução que o verão desbotou. Tornou-se cor-de-rosa, a minha bandeira, cor-de-rosa antes se tornar branca, um farrapo que já não interessava.

Pelos oitocentos mortos, Paris erguera uma coluna em sua memória. Mas por trinta mil mortos, não. Nenhum verdadeiro monumento. Parece que, no grande cemitério, construíram um pequeno muro em memória dos fuzilados. Um muro! Essa é boa!

Então, agora, eu espero. Desde os trinta mil mortos da Comuna de Paris, houve ainda duas ou três guerras. Em vez de areia, colocaram pedras à volta da minha coluna. Uma guerra depois, puseram betume, organizaram-me à noite concertos de todo o género, senti a alegria sob uma chuva intensa, aplausos, canções, e muitas vezes era divertido. Já não ouço o relinchar dos cavalos, mas, entre os motores dos carros, sei reconhecer os que roncam e que expelem um grande fumo negro. Antigamente, saíam bramidos lancinantes dos veículos

a motor. Já não ouço esse ruído. Quase não há gritos. A place de la Bastille é de uma calma assustadora, exceto quando há manifestações.

Adoro as manifestações. Às vezes ouço miúdos a chorar porque os balões lhes fugiram das mãos, grandes balões às cores com letras maiúsculas impressas, que não compreendo: CGT, CFDT, PCF, NPA, FG, PS; o que será? E escuto o clamor dessas multidões tranquilas que desfilam sem olharem para cima, sem me ligarem nenhuma.

Em vez de uma bandeira na mão, vejo muitas vezes um lenço vermelho ao pescoço. Também gostava de ter um, só para me lembrar dessas semanas primaveris, que começaram com a alegria e terminaram com o sangue, esses longos dias de maio em que, pela primeira vez, fui verdadeiramente o Génio da Liberdade.

Primeira Parte

Abel Gornick

Baku, 29 de abril de 1898

Recordo o céu de 29 de abril de 1871 em Paris, brumoso e enevoadado como o mar em Baku. O céu do grande orgulho da minha vida, o mais cruel.

No fim de abril ainda se acreditava na vitória da Comuna de Paris, estavam todos cheios de esperança, sobretudo Léo Frankel, que em três dias se tornou delegado para o Trabalho do governo eleito. A partir da sua nomeação, encerrado no seu gabinete no Hôtel de Ville, Léo trabalhava tanto que adormecia ali mesmo, e eu ia levar-lhe a merenda ao fim do dia, com um quartilho de água, e às vezes um pouco de vinho. Léo não gostava de beber. Tinha mais que fazer.

E era incrível, essas liberdades que brotavam do gabinete de Léo, a proibição do trabalho noturno para os aprendizes de padeiro, a prolação do pagamento das rendas de casa, a restituição aos proprietários dos objetos penhorados, e, sobretudo, mesmo não sendo um decreto de Léo, a separação entre a Igreja e o Estado, tanta coisa que eu nem sequer imaginava!

Todas as manhãs era a mesma coisa, o sol começava a bater-me nos olhos e, de pálpebras cerradas, sentia no corpo um longo frémito. Dizia para comigo que era verdade, que Paris estava livre, mas quando abria os olhos tudo voltava a surgir, bruscamente.

O canhão, os feridos no cerco de Paris durante a guerra contra o rei da Prússia. Os garotos que vendiam estilhaços de obuses, que vinham apanhar mesmo debaixo de fogo. As ambulâncias, os mortos, as canções, o sangue. E, mesmo assim, por muito que me lembrasse que a nossa Comuna queria reconstruir o mundo sob o fogo

de dois exércitos, o dos prussianos e o do Foutriquet¹ instalado em Versailles, esse aborto de uma figa chamado Adolph Thiers, por muito que pensasse que a Comuna estava condenada à partida, pois bem, mesmo assim ela avançava.

Sobre isso, Léo tinha o seu ponto de vista. Quanto mais ameaçado se estivesse, melhor se mudariam as coisas. Era preciso andar depressa, não perder tempo, produzir uma série de decretos, afixar os editais e não pensar no resto.

O resto seria a guerra, ambos o sabíamos. Juntos, tínhamos enfrentado a guerra dos prussianos, um cerco de cinco meses, o racionamento do pão amassado com serradura, várias semanas de gelo e frio pior do que na Rússia, sem nada para nos aquecermos, e eis que tudo recomeçava, só que desta vez os franceses cercavam os franceses.

– Não há dúvida de que eles têm muito jeito para a guerra civil – dizia eu a Léo. – Só sabem fazer isso.

– Estás a esquecer-te das revoluções – murmurava Léo na sua voz suave. – Os franceses fizeram mais revoluções do que todos os outros países. Aproveita esta oportunidade, Abel! Estamos em plena revolução.

Para ele, não restam dúvidas. Léo é um artesão altamente qualificado, visto que é ourives, mas o seu verdadeiro ofício é a Revolução, com R maiúsculo. Insurreição, tomada do poder pelo proletariado, frente sindical e, no fim, banho de sangue.

Eu cá não me interesso muito pela revolução. Não está no meu temperamento. Gosto demasiado da vida e das mulheres, sou um rapaz calmo e pacífico. Quando surgia pancadaria num baile popular, eu era sempre aquele que ia separar as pessoas, e sem nenhuma dificuldade, pois sou alto e bastante musculoso. Não suporto ver homens à pancada, é mais forte do que eu, é preciso que isso acabe, tudo farei nesse sentido.

Então, de vez em quando, enfureço-me, não se atravessem no meu caminho, sou capaz de abater um boi a murro. Mas isso não

¹ *Foutriquet* quer dizer labrego, rústico, peralvilho, intriguista, e aqui refere-se a Thiers, Primeiro-Ministro. Karl Marx refere-se a ele chamando-lhe gnomo monstruoso. (N. da T.)

acontece. Enfim, aconteceu no início da Comuna, porque aí já era de mais.

Só me envolvi quando os Versalheses de Thiers começaram a bombardear Paris. Bum-bum-bum, como antes o tinham feito os prussianos durante a guerra. Tivemos algumas semanas sem esses ataques repetidos em plena noite, e eis que tudo isso recomeçava. Não foi por causa do tumulto que me mexi, porque ao tumulto já estávamos habituados.

De tal forma que os parisienses já nem ligavam e almoçavam ao ar livre, porque era primavera. Um obus, dois obuses, isso não os incomodava. Cinco soldos cada estilhaço de obus, senhor, é só escolher! Paris enchia melhor a barriga. Pelo menos já não se morria de fome e de frio como durante o inverno.

Não, o que me fez mexer foi a morte de Flourens, esse federado, comandante da Guarda Nacional que, esgotado, se deitara num banco, e que os Versalheses prenderam em pleno sono. Obrigaram-no a levantar-se, verificaram que era ele mesmo, Flourens, e zás! sem julgamento, sem processo judicial, racharam-lhe a cabeça com uma espadeirada. Foi no princípio de abril. Tinha trinta e três anos.

Nesse dia, capacitei-me de que os Versalheses não recuariam perante nada. Iriam massacrar brutalmente metade dos habitantes de Paris. Como é que se dizia na Revolução Francesa? Léo tinha-me contado! A morte sem palavreado.

Aparentemente, eu não era o único a ter compreendido o que significava o assassinio do jovem Flourens. Antes da Comuna, eu só tinha um compromisso, que não era nem guerreiro nem revolucionário, mas sim cívico. Sou membro da maçonaria. Era um judeu imigrado vindo da Ucrânia, a quem os meus companheiros *maçons* deram a conhecer a França.

Fora justamente nesse dia, 29 de abril, que nós, os *maçons* de Paris e arrabaldes, tínhamos decidido tentar fazer uma espécie de negociação entre os Versalheses e os partidários da Comuna. Era um trabalho conjunto. Nas lojas havia o mesmo número de irmãos partidários de Versailles e partidários da bandeira vermelha, mas todos nós partilhávamos a mesma preocupação. Os Grandes Mestres não gostavam da

ideia de revolução, eu pressentia que iriam condenar tudo isso. Mas desde que se pudesse contar com a paz...

A 21 de abril, *maçons* do 30.º, 32.º e 33.º graus – não há graus mais elevados – tinham-se avistado com o chefe do executivo em Versailles, esse mesquinho Thiers a quem chamavam o Foutriquet, a fim de negociar uma paz civil entre a Comuna e o exército regular. Era mesmo um labrego, um gnomo, um *meshigeh*, um tarado! Parece que ele terá respondido aos nossos cavaleiros Kadosch, os supracitados dignitários, todo o tipo de horrores, afirmando que mataria pessoas e destruiria casas, mas só algumas. É claro que haveria, aqui e ali, «baixas colaterais», dizia ele, bairros arrasados, mas tinha mesmo que ser.

Nada de conversações. Dir-se-ia o czar a ordenar os seus pogroms.

Quando os nossos dignitários regressaram de Versailles no estado de fúria que se pode imaginar, afixaram as palavras do Foutriquet. A 26 de abril, dirigiram-se ao Hôtel de Ville e anunciaram aos membros da Comuna que nós, os *maçons*, iríamos desfilar em Paris com os nossos trajes, e que iríamos pespegar os nossos estandartes junto das muralhas, diante dos Versalheses que bombardeavam Paris. E que depois então se veria...

O pé de vento que isso provocou! Nem dá para acreditar. Foi Léo que me contou – eu não estava lá. Os nossos dignitários disseram que se uma bala furasse um único dos nossos estandartes, combateriam então ao lado da Comuna. Os membros do governo choraram, aplaudiram, toda a gente se beijou – nessa época as pessoas beijavam-se muito –, e cada um foi posicionar-se com a sua bandeira vermelha.

Eu era apenas um aprendiz na Loja Maçónica de Vincennes, mas, quando digo que sou alto, é a pura verdade. Tenho quase dois metros de altura, uma estatura suficientemente elevada para levar o estandarte na manifestação. Tenho outra particularidade, que muito prezo: não tenho barba, mas um pequeno bigode. O que está na moda é ter uma barba grande, tão grande como um rio, mas, vendo bem as coisas, acho que não dá jeito para fazer amor com as raparigas.

Vestimo-nos, calçámos as luvas brancas, o Venerável pôs o seu colar com gládios, estrelas e rosas bordadas a ouro sobre fundo

branco, e colocou-me o estandarte nas mãos, dizendo: «Segura-o bem direito, Abel, vamos morrer por ele.»

O Abel sou eu. Abel Gornick, nascido na Ucrânia, neto de rabinos, o primeiro da família a ter rompido a cadeia da aliança com o Grande Arquiteto do Universo, que o meu pai e o meu avô designavam por o Eterno, o Deus dos exércitos cujo verdadeiro nome não deve ser pronunciado.

O meu avô rabino era um verdadeiro santo da corrente hassídica. Quando era pequeno, lembro-me de ter visto dançar a sua barba branca quando ele rodopiava, com as suas grandes botas calçadas e o seu gorro na cabeça, havia nele magia, lia os pensamentos, conhecia o futuro, vinham consultá-lo de longe, ao Rabi Gornick de Poltava.

Mas o mundo estava a mudar. Não estava a ver-me encerrado numa aldeia a fazer de iluminado. Tinha sede de juventude e, para mim, a dança era com as raparigas, e não sozinho, no meio de discípulos em êxtase.

Escolhi a outra via, a das Luzes judaicas, a via da educação, a da minha verdade. Queria aprender tudo, saber tudo, e compreender. Larguei o cafetã, o gorro forrado, a quipá, toda essa tralha, e parti para Viena, para me tornar joalheiro. Foi lá que conheci Léo Frankel, que vinha dos subúrbios de Budapeste, a nova cidade húngara. Foi Léo que me ensinou a gravar os diamantes com uma fina ponta de diamante – ele desenhava os modelos a guache, broches, pulseiras, colares, eu talhava, gravava e depois ele engastava. Fizemos isso em Lyon e depois em Paris.

Ele era socialista e eu era *maçon*. Ele ensinou-me o francês, que falava perfeitamente, e que eu falo mais ou menos, com «palavrões», diz Léo, que me acha malcriado. Ele tinha aderido à Internacional, correspondia-se com um filósofo alemão refugiado em Londres, um grande pensador chamado Karl Marx, que só se interessava pela classe operária. Eu nem por isso. Achava que eu e Léo éramos apenas pequeno-burgueses judeus e que o progresso social nos viria da Haskalá, a fonte divina da razão que nos assimilaria aos outros, os cristãos.